

5.2 MANUSCRITO 02: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ACERCA DAS AÇÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR

O manuscrito será submetido à Revista Baiana de Enfermagem

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES ACERCA DAS AÇÕES DE EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR[†]

SOCIAL REPRESENTATIONS OF TEENAGERS ABOUT SEX EDUCATION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

REPRESENTACIONES SOCIALES DE JÓVENES SOBRE LA EDUCACIÓN SEXUAL EN EL ENTORNO ESCOLAR

RESUMO

Estudo sobre a educação sexual no ambiente escolar nas Representações Sociais de adolescentes, com o objetivo de analisar a estrutura processual das Representações Sociais de adolescentes acerca da educação sexual no ambiente escolar. Pesquisa de natureza qualitativa, tem como referencial a Teoria das Representações Sociais, realizada em uma escola de ensino médio, com 11 adolescentes escolares. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados, o desenho estória com tema e a entrevista sob a forma de grupo focal. Os dados foram processados por meio da análise de conteúdo temática, através da qual emergiu a categoria: Educação sexual no ambiente escolar constituída de três subcategorias: Escola como espaço de aprendizagem da educação sexual na adolescência; Competência do professor de Biologia sobre sexualidade e educação sexual; e Conteúdos e estratégias utilizadas na educação sexual escolar. Os adolescentes entrevistados consideram ser a escola um ambiente favorável para o desenvolvimento da educação sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente, Educação sexual, Saúde sexual.

ABSTRACT

Study of Social Representations of teenagers about sex education in the school environment is the clipping of a dissertation in order to analyze the representational structure of adolescents about sexual education school environment. This is a qualitative research, as the theoretical framework the theory of social representations held in a high school, with 11 adolescent students. As instruments of data collection were used, the design and story we interview in the form of focus group. Data were processed by means of thematic content analysis, through which emerged the category: Sex education at school. This gave rise to three subcategories: need to work on this subject in school; accountability professor of biology, and methodologies and issues addressed. The teens interviewed consider to be the school an environment favorable to the development of sex education.

KEYWORDS: Adolescence; Sex Education; Sexual Health.

[†] Este artigo integra a dissertação de mestrado intitulada Representações Sociais de adolescentes sobre educação sexual no contexto escolar, de autoria de Flavia Silva Souza

RESUMEN

Estudio de las representaciones sociales de los adolescentes sobre la educación sexual en el ámbito escolar es el recorte de una tesis con el fin de analizar la estructura de representación de los adolescentes sobre el ambiente escolar de educación sexual. Se trata de una investigación cualitativa, como marco teórico la teoría de las representaciones sociales, celebrada en una escuela secundaria, con 11 estudiantes adolescentes. Como se utilizaron instrumentos de recolección de datos, el diseño y la historia que la entrevista en forma de grupo de enfoque. Los datos se procesaron mediante análisis de contenido temático, a través del cual surgieron la categoría: La educación sexual en la escuela. Esto dio lugar a tres subcategorías: la necesidad de trabajar sobre este tema en la escuela, profesor de la rendición de cuentas de la biología y las metodologías y asuntos abordados. Los adolescentes entrevistados consideran que es la escuela un ambiente favorable al desarrollo de la educación sexual.

Palabras-clave: Adolescente; Sex Education; Salud sexual.

INTRODUÇÃO

Estudo sobre a educação sexual no contexto escolar nas Representações Sociais de adolescentes, visando a apresentar os dados obtidos, e desse modo, oportunizar a intervenção adequada capaz de minimizar os problemas encontrados por esta clientela.

A adolescência é um período caracterizado pelas alterações fisiológicas provocadas pelo desenvolvimento dos hormônios sexuais, manifestadas por mudanças comportamentais como, a autoafirmação e a aceitação em grupos de convivência. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA é considerado adolescente a pessoa com idade entre 12 e 18 anos. É, ainda nesta fase, que se iniciam as curiosidades e o despertar para a sexualidade e a atividade sexual.

A sexualidade na adolescência tem impulso fortemente marcado pelas transformações biopsicossociais, ou seja, há, nessa fase da vida, inúmeras descobertas e conflitos que podem denotar risco e vulnerabilidade na vida do adolescente. Os riscos são as possibilidades de ocorrência de danos ou agravamentos, como, por exemplo, os casos de infecção pelo HIV/AIDS e outras DST, o início precoce de atividade sexual, a gravidez não planejada, sem qualquer orientação médica ou familiar, os abortos inseguros, a morbidade materna e os casos de violência sexual (VITALLE, 2003).

A educação sexual é imprescindível para reduzir os riscos e vulnerabilidades a que os adolescentes se encontram expostos. Corrêa et al. (2007) reforçam que para promover a saúde sexual e a saúde reprodutiva dos jovens, é preciso programas educacionais sobre sexualidade

e saúde dentro e fora da escola, ampliando assim, o nível de conhecimento dos adolescentes acerca do tema.

As políticas públicas de saúde e de educação devem contribuir para discussões sobre a sexualidade, assumindo as relações de gênero, classe social e etnia e, também, das outras concepções que o adolescente tem de si mesmo e de sua sexualidade. Neste sentido, é possível entender que a escola se mostra como bom espaço de socialização na construção e na execução de medidas de prevenção, voltadas à educação sexual de seus alunos (BRÊTAS et al., 2011).

A escola é espaço de grande relevância para promoção da saúde, principalmente quando exerce papel fundamental na formação do cidadão crítico, estimulando a autonomia, o exercício de direitos e deveres, o controle das condições de saúde e qualidade de vida, com opção por atitudes mais saudáveis (BRASIL, 2010). Para mudar a realidade dos jovens, a escola deve ser interpretada como um ambiente de transformação, um lugar importante para buscar a mudança de comportamento, através de ações educativas, com temas voltados para o dia a dia destes jovens.

A Teoria das Representações Sociais foi escolhida como suporte teórico-metodológico deste estudo. Esta teoria toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade e seu objetivo é descobrir como indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade (MOSCOVICI, 2010).

Esta teoria constitui um instrumento para apreender o significado dos elementos cotidianos do ambiente social e é formada a partir do processo de objetivação e ancoragem (BITTENCOURT; VILELA, 2011), o que possibilita, então, a interpretação dos acontecimentos, organizando as condutas e a comunicação entre os indivíduos. Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo é analisar a estrutura processual das Representações Sociais de adolescentes acerca da educação sexual no ambiente escolar.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa social na área da saúde, de natureza qualitativa, tendo como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais. O cenário escolhido, uma escola pública, de nível médio, da área urbana da cidade de Jequié/BA. Desenvolvido entre o período de maio a julho de 2013, com 11 adolescentes escolares, que foram denominados pela letra A seguida do número que varia de 1 a 11 (A1, A2, A3...), conforme a ordem de participação,

mantendo assim, o anonimato dos participantes. O número de participantes obedeceu ao critério de saturação dos dados com o concomitante alcance do objetivo. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento e/ou assentimento.

Foram escolhidos dois métodos distintos para a coleta de dados: o desenho-estória com tema e a entrevista, sob a forma de grupo focal. O uso desses dois métodos permite capturar os diversos momentos e movimentos da elaboração da representação (ARRUDA, 2002).

Para a aplicação da técnica projetiva, desenho-estória com tema, foi utilizado o termo indutor, “Educação sexual”. A partir de então, os participantes desenharam em uma folha de papel suas representações referentes ao tema e, em seguida, foi solicitado que criassem uma história, que tivesse começo, meio e fim, solicitando depois que fosse dado um título à mesma.

A importância da aplicabilidade da técnica projetiva nas representações sociais deve-se ao fato de essas técnicas evitarem distorções oriundas das limitações dos sujeitos na comunicação do ponto de vista formal. Elas tornam-se preciosas, quando analisadas conjuntamente com outras técnicas, pois permitem complementar e comparar os significados atribuídos conscientemente às suas comunicações (FONSECA; COUTINHO, 2005).

Na entrevista sob forma de Grupo focal foram realizados dois encontros com duração média de 40 minutos, a partir de um roteiro de entrevista semi-estruturado, com as questões: quais os projetos/aulas/disciplinas de Educação em Sexual existem nesta escola? O que significa para você as ações de educação em sexual? Como você utiliza as informações acerca da Educação em Saúde recebidas na escola? Qual importância que você atribui à Educação em Saúde recebida na escola? Reis e Bellini (2011) ressaltam que o emprego desta técnica tem como objetivo focalizar melhor o objeto de pesquisa; obter dados sobre atitudes, valores e crenças de um grupo.

Os dados oriundos das histórias contadas no desenho estória com tema e das entrevistas do grupo focal foram processados pela análise de conteúdo temática, seguindo as etapas: pré-análise; leitura flutuante; leitura em profundidade; categorização e inferência sobre o fenômeno estudado (BARDIN, 2010). Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, parecer nº 206.268 CAAE 10828312.3.0000.0055.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise de conteúdo temática dos dados obtidos chegou-se à categoria, Educação sexual no ambiente escolar, a qual deu origem a três subcategorias: Escola como espaço social de aprendizagem da educação sexual na adolescência; Competência do professor de Biologia sobre sexualidade e educação sexual; e Conteúdos e estratégias utilizadas na educação sexual escolar. Sendo, então, possível conhecer o senso comum deste grupo de pertença acerca da educação sexual no ambiente escolar.

Discutir sobre a promoção da saúde e os direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes e jovens é um importante debate na escola, devendo sempre envolver profissionais de saúde, de educação e a família. A escola é muitas vezes apresentada pelos adolescentes como a principal fonte de informação sobre saúde sexual e reprodutiva (VONK; BONAN; SILVA, 2013).

Ao estudar as RS, Moscovici (2010, p. 40) destaca: “Todas as interações humanas, sejam elas entre duas pessoas ou dois grupos, pressupõem representação”. Assim, quando criadas, as representações se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade, sendo produto de suas ações e comunicações.

Para o adolescente, trabalhar a educação sexual no ambiente escolar representa uma estratégia que permite a discussão sobre as alterações biológicas e psicológicas que acompanham o processo de adolecer, conhecendo conseqüentemente, os fatores que interferem na saúde sexual e reprodutiva. Observa-se dentro do discurso dos entrevistados a carência de conhecimento do tema, a ausência da família e a escola como importante fonte de educação e preparo do adolescente para vivenciar esta fase da vida.

1ª Subcategoria - Escola como espaço social de aprendizagem da educação sexual na adolescência

A escola é citada por Brasil (2006) como um importante espaço para o desenvolvimento de um programa de educação para a saúde de adolescentes. Ela diferencia-se das demais instituições por ser aquela que oferece a possibilidade de educar por meio da construção de conhecimentos. Nesta subcategoria evidencia-se o desejo do adolescente de dialogar acerca do tema e, paralelamente, a escola é representada como ambiente propício para a educação sexual.

[...] tipo aula de sexualidade [...] mostrar o que é o certo, [...] quando é o tempo determinado, alertar quanto aos cuidados, quando o aluno pensa em ter relação sexual [...] dialogar, conversar com os alunos, mostrar as consequências (A11).

Compreender o processo de adolecer conhecendo as alterações que acompanham essa fase da vida através da educação e do diálogo é importante para a manutenção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente. Observa-se nas representações do participante A11, a necessidade de esclarecimentos sobre sexo e sexualidade, notando-se que é neste período que o adolescente desperta para a vivência da sexualidade.

Pesquisas destacam que a iniciação sexual do jovem ocorre cada vez mais precoce e a escola é frequentemente citada como promotora de educação sexual (BORGES; NICHATA, SCHOR, 2006; VONK; BONAN; SILVA, 2013). Quando esse tipo de educação é inserida no cotidiano do adolescente é possível reduzir os riscos e vulnerabilidades que estão presentes neste período, como a gravidez precoce e DST, sendo, portanto, importante que essa informação chegue ao adolescente antes da iniciação sexual.

É porque a gente não tem acompanhamento em casa (A4).

[...] os pais ainda fica com vergonha de chegar para o filho (A9).

[...] eu acho massa, porque tem pais que não falam, não abordam em casa (A3).

[...] aí quando a gente recebe uma orientação de fora fica mais esperto (A2).

Os adolescentes justificam a necessidade de trabalhar a educação sexual no ambiente escolar devido à ausência dos pais no processo de educação. Este fato é confirmado na pesquisa de Macedo et al. (2013) que destaca a carência de diálogo sobre sexualidade no contexto familiar e a vergonha, como principal fator inibidor do diálogo entre pais e filhos adolescentes.

Os pesquisadores Sousa, Fernandes e Barroso (2006) reforçam a falta de abertura para conversar sobre questões pessoais, íntimas como fator inibidor. A dificuldade em procurar os pais para esclarecer dúvidas sobre assuntos relacionados à sexualidade está frequentemente, vinculada ao sentimento do medo de sofrer represálias, mas, também, os tabus e preconceitos impedem o indivíduo, de até mesmo, buscar aprender.

É essencial que o adolescente receba informações sobre a saúde sexual e reprodutiva, porém não devem existir barreiras no processo de comunicação, os tabus devem ser quebrados, facilitando conseqüentemente o diálogo. Os conhecimentos transmitidos durante a

educação sexual devem ser abordados sem preconceitos, essas informações devem ser de qualidade, incentivando assim, o comportamento sexual saudável.

Adolescentes possuem informações sobre a prevenção das DST, contudo estas são insuficientes para promover mudanças nos comportamentos e condutas, por diversos fatores, tais como, a qualidade duvidosa e a restrita acessibilidade dessa informação, que se mostra escassa e superficial. Sendo assim, o simples fato de se ter conhecimento sobre essas enfermidades não implica, necessariamente, na adoção de medidas preventivas (ALBUQUERQUE et al., 2012).

Seria interessante que tivesse a matéria sexualidade porque tem alguns que não tem orientação dos pais [...] acho que deveria ter uma matéria (A4).
[...] porque é um assunto que deveria ter ainda mais no colégio [...] seria massa se a gente tivesse uma vez na semana uma aula só para isso (A2).

No discurso dos adolescentes percebe-se que estes valorizam a educação sexual na escola. Ao trabalhar a educação sexual no ambiente escolar é possível articular a sexualidade com a promoção da saúde, estimulando a realização de ações preventivas das Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS, de reflexão sobre a violência sexual e a gravidez precoce, bem como, a discussão sobre a própria sexualidade, ampliando a percepção do adolescente sobre o autocuidado e o autoconhecimento (MACEDO et al., 2013).

Porém, Gubert et al. (2009) asseguram que a maior parte do conhecimento relacionado ao sexo e sexualidade são provenientes da televisão, Internet e amigos consistindo num conhecimento, muitas vezes incompleto, incapaz de modificar os riscos e vulnerabilidades presentes na fase da adolescência e proporcionar um comportamento seguro.

A escola deve ser reconhecida como local de interações e relações socioeconômicas e culturais e espaço para promoção da saúde, com enfoque de ações educativas, de construção da cidadania envolvendo os diversos sujeitos que a compõem: adolescentes, estudantes, professores, funcionários, familiares e profissionais de saúde. Assim, os pais devem ser convidados a participar junto à comunidade escolar do processo de educação sexual.

Nesta subcategoria foi possível perceber que as representações sociais dos adolescentes encontram-se ancoradas na necessidade de conhecer mais sobre o tema, aumentando os espaços de diálogo dentro da escola, justificada pela ausência desse tipo de educação no ambiente escolar.

2ª Subcategoria - Competência do professor de Biologia sobre sexualidade e educação sexual

O processo de educação deve possibilitar aos adolescentes uma discussão corajosa e de sua inserção nesta problemática e estabelecer um diálogo constante com o outro, que leve o jovem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço (FREIRE, 2011). Dentro do processo de educação a educação sexual é uma estratégia capaz de orientar e induzir o homem ao processo de mudança, modificando conseqüentemente, o seu ambiente e melhorando as suas relações.

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em corredores e conversas entre adolescentes. Ela permeia a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Nesta segunda categoria, nota-se no discurso dos adolescentes que o professor de Biologia possui o conhecimento adequado para abordar a educação sexual no ambiente escolar, conforme falas a seguir:

Preparada mesmo só a professora de biologia, porque ela estudou um pouquinho a mais, os outros professores tem experiência (A2).
É, ela [professora de biologia] estudou sobre este assunto (A3).
[...] só que a professora de biologia tem mais conhecimento porque é o assunto que ela trabalha (A5).

Para os adolescentes escolares o professor da disciplina de Biologia é o único capacitado para trabalhar com essa temática em sala de aula. Camargo e Ferrari (2009) consideram que a escola constitui espaço adequado para a implementação de programas educativos, levando-se em conta a participação dos professores nessas ações. Torna-se então, imprescindível a participação dos educadores neste processo, pois este grupo etário ainda tem buscado informações, nem sempre são corretas, com amigos.

Maia et al. (2012) refletem acerca da necessidade de um projeto de capacitação para professores com ênfase na sexualidade, instrumentalizando-os, a fim de que eles também tenham um espaço de formação teórico e prática e possam dar prosseguimento ao trabalho com os adolescentes, considerando que a forma de abordagem da sexualidade na sala de aula, geralmente, é reduzida ao modelo tradicional de ensino, focado na biologia e fisiologia do aparelho reprodutor.

E quando se pensa em educação sexual não basta apenas falar em aparelho sexual reprodutivo e o processo de fecundação. É necessário vencer desafios como crenças, tabus,

posturas e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais e principalmente como lidar com o resultado de sua própria sexualidade (FEIJÓ, 2007).

Nas representações sociais dos adolescentes nota-se a ausência dos demais professores no processo de educação sexual no ambiente escolar:

[...] só o professor de biologia aborda o tema na disciplina [...] mas só que quando o assunto tem haver com sexualidade ela fala (A5).

Foi a professora de biologia que fez oficinas na escola (A3).

[...] não precisa ser só na aula de biologia [...] pode ser em qualquer matéria (A1).

Observa-se, então, que apesar do professor de biologia trabalhar a temática no ambiente escolar, a educação sexual ocorre de maneira esporádica e atrelada ao conteúdo abordado pela disciplina. O próprio adolescente participante reconhece a importância dos demais professores participarem do processo de educação sexual do adolescente. Segundo Macedo et al. (2013) a abordagem da sexualidade no âmbito escolar ainda acontece de forma incipiente uma vez que é notória a ocorrência de dúvidas, mitos, e ideias preestabelecidas, relacionadas aos fatores que interferem diretamente na saúde sexual e reprodutiva do adolescente.

Diante do exposto, percebe-se que o trabalho de promoção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes na escola necessita associar a ideia da transdisciplinaridade, na tentativa de trabalhar todos os aspectos da sexualidade na adolescência.

O ensino sobre o tema sexualidade e métodos contraceptivos implica no desenvolvimento de estratégias de intervenção que levem os sujeitos a refletirem sobre suas próprias crenças e concepções já construídas, bio-psico-socialmente, sobre sexualidade, na perspectiva de uma atualização conceitual e revisão de formas de comportamento e de atitudes no exercício da sexualidade e de prevenção à gravidez precoce e/ou não planejada e às doenças sexualmente transmissíveis (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011).

A competência do professor de biologia ancora as representações sociais dos adolescentes nesta subcategoria. Entende-se, então, que no pensamento dos adolescentes participantes a educação sexual no ambiente escolar é de responsabilidade do professor de Biologia devido a sua formação acadêmica, porém os adolescentes também consideram ser importante a participação dos demais professores na promoção da saúde sexual e reprodutiva dos jovens.

3ª Subcategoria - Conteúdos e estratégias utilizadas na educação sexual escolar

Trabalhar educação sexual em sala de aula com o público adolescente é uma tarefa complexa, pois é necessário não só conhecimento sobre o tema, mas também, é preciso vencer os tabus e as barreiras que impedem o processo de comunicação. Deve haver confiança entre professor e adolescente para que os mesmos sintam-se a vontade para o esclarecimento dos fatores biológicos, psicológicos, culturais e sociais que envolvem o tema.

Percebe-se, no discurso dos sujeitos, que a educação sexual desenvolvida na escola onde ocorreu a pesquisa acontece isoladamente na disciplina Biologia e nos conceitos de anatomia e fisiologia humana.

[...] O espermatozóide, que é um órgão produzido pelo homem masculino que invade o órgão da mulher feminino, que se chama óvulo faz a fecundação que pode resultar em uma gravidez por parte da mulher (A1).

[...] na sala de aula o professor ensinando como usar a camisinha (A2).

[...] Das doenças que poderia ter e tudo que podia acontecer (A7).

Os assuntos trabalhados na educação sexual devem estar relacionados com o dia-a-dia do adolescente, abrindo espaços de escuta para a troca de experiências. Macedo et al. (2013) discorrem que os conteúdos sobre sexualidade são abordados de maneira superficial, gerando lacunas na construção de conhecimentos, limitados enfaticamente na importância do uso da camisinha na prevenção de doenças.

Neste contexto, Brêtas e Silva (2005) referem que as informações discutidas na educação sexual devem ser corretas e precisas, compreendendo aspectos relacionados ao desenvolvimento sexual do indivíduo, resposta sexual humana, comportamento sexual, tipos de práticas sexuais, prevenção de gravidez, noções sobre DST/AIDS. Torna-se necessário, também, orientar sobre a responsabilidade de adotar uma prática sexual segura, ao invés de somente tentar mudar o comportamento que expõe o adolescente a situação de risco, através do ensino da anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor.

Quanto a forma de abordagem do tema, Fonseca, Gomes e Teixeira (2010) sugerem a metodologia participativa como alternativa para o trabalho de educação sexual no ambiente escolar, por despertar o interesse e atenção dos adolescentes, permitindo uma relação aberta e espontânea entre os membros que participam das dinâmicas de grupo realizadas em sua pesquisa. O adolescente se torna, assim, protagonista da construção do conhecimento e responsável pela promoção de sua saúde sexual e reprodutiva.

Juntar a galera e soltar o assunto, trabalhar com filmes, tem muitos filmes que dá para usar, se tiver uma palestra animada aí todo mundo participa. Tem que ser amigo da gente e jogue vídeos e converse com a gente e conte as experiências que já teve, uma coisa que não seja tão séria (A2).
[...] um debate, trazer objetos que a gente identificasse os órgãos genitais do homem e da mulher e falar como funciona (A4).

Quando questionados acerca da forma ideal de trabalhar ao tema em sala de aula os adolescentes destacam a necessidade de participar diretamente do processo de educação sexual. É sugerida, então, uma metodologia mais ativa que permita o diálogo e a troca de experiências, algo que não seja tão formal como o ensino tradicional, como se pode perceber nos discursos.

Segundo Silva e Coelho (2011) é necessário desenvolver processos educativos de modo contextualizado, com ênfase na promoção da saúde, envolvendo a família, a escola e o sistema de saúde, o que valoriza o conhecimento e as experiências prévias de cada sujeito, estimulando a mudança de comportamento do adolescente.

Albuquerque et al. (2012) discorrem que o adolescente tem recebido informações acerca do sexo e da sexualidade, porém a baixa qualidade das informações passadas ao grupo etário é responsável pela ausência de mudança de comportamento dos adolescentes. Assim, pode-se inferir que o acesso às informações não tem gerado repercussões positivas na saúde do adolescente como almejado.

Observa-se, então, nesta última subcategoria como é trabalhado a educação sexual no ambiente escolar e como os adolescentes desejam discutir esse tema. Dentro das representações nota-se a necessidade do grupo de adolescentes em participar ativamente do processo de educação e a curiosidade em conhecer mais sobre o tema. Porém, esse conhecimento ainda é trabalhado de maneira tradicional, restringindo-se às condições biológicas do tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o processo de formação da representação social de adolescentes acerca da educação sexual no ambiente escolar foi possível conhecer o significado da educação sexual para esse grupo, como esse saber é construído na dimensão cognitiva e como esta imagem é produzida e redirecionada para o meio exterior. Desse modo, entende-se que o objetivo foi alcançado, ressaltando-se que estas representações são construídas através da vivência dos sujeitos no ambiente escolar, mas também, por seus valores culturais, sociais, éticos e morais.

Foi possível, então, apreender as representações dos adolescentes sobre o tema, percebendo que essas se encontram ancoradas na necessidade do adolescente em conhecer mais acerca dos fatores que envolvem o processo de adolecer e o despertar para o sexo e a vivência da sexualidade.

Assim, pode-se inferir que os adolescentes entrevistados consideram ser a escola um ambiente favorável para o desenvolvimento da educação sexual e apesar de visualizarem os pais como os principais responsáveis pela transmissão desse tipo de conhecimento, percebem a existência de um distanciamento entre pais e adolescentes, o que evidencia a existência de lacunas do conhecimento acerca do sexo e da sexualidade.

Concluí-se, então, que apesar do tema está inserido no ambiente escolar faz-se necessário uma melhor abordagem, esclarecendo não só os fatores biológicos, mas também, os fatores psicológicos, sociais e culturais, promovendo assim, a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. É importante, também, a inclusão dos demais profissionais da educação e familiares, criando espaços de discussão aberta e participativa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Jaqueline G.; PINHEIRO, Patricia N. da C.; LOPES, Marcos V.O.; MACHADO, Maria de Fátima A.S. Conhecimento deficiente acerca do HIV/AIDS em estudantes adolescentes: identificação de diagnóstico de enfermagem da NANDA. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2012, jan./mar., v. 14, n. 1, p.104-11.

ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n.117, p. 127-147, nov./2002.

BARCELOS, Nora N.S.; JACOBUCCI, Daniela F.C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v.10, n.2, p.334-345, 2011

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BITTENCOURT, Isaiane S.; VILELA, Alba B.A. Representações Sociais: uma abordagem teórica em saúde. **RBPS**, Fortaleza, v. 24,n. 1, p.80-85, jan./mar., 2011.

BRASIL. Casa Civil. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. LEI nº 8.069, Brasília: 13 de Julho de 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.132 p.

BRÊTAS, José Roberto da S.; OHARA, Conceição V.S.; JARDIM, Dulcilene P. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p.3221-3228, jul. 2011.

BRÊTAS, José Roberto da S.; SILVA, Conceição V. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. **Acta Paul Enferm**, v. 18, n. 3, p.326-33, 2005.

CAMARGO, Elisana Ágatha I.; FERRARI, Rosângela Aparecida P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 3, p.937-946, 2009.

CORRÊA, Beatriz et al. **Conversando sobre saúde com adolescentes** / [coordenação pedagógica e editorial Sheila Kaplan; textos Beatriz Corrêa... et al. ; ilustrações André Bethlem... et al.]. - Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, 2007.

FEIJÓ, Caio. **A sexualidade e o uso das drogas na adolescência: o papel da família e da escola na prevenção das DST, gravidez na adolescência e o uso de drogas**. 2. ed. Osasco-SP: Editora Novo Século, 2007.

FONSECA, Aline A.; COUTINHO, Maria da Penha L. Depressão em adultos jovens: Representações Sociais dos estudantes de Psicologia. In: COUTINHO, Maria da Penha L.; SALDANHA, Ana Alayde W. (Orgs). **Representação social e práticas de pesquisa**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. 2005. p. 69-106.

FONSECA, Adriana D; GOMES Vera Lúcia O.; TEIXEIRA, Karina C. Percepção de adolescente sobre orientação sexual. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v. 14, n. 2, p.330-337, abr.-jun., 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GUBERT, Fabiane A.; SANTOS, Ana Carolina L.; ARAGÃO, Katiana A. et al. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2009, v. 11, n. 1, 165-72.

MACEDO, Senei R.H.; MIRANDA, Francisco A.N.; PESSOA JÚNIOR, João Mário; NÓBREGA, Vannucia K.M. Adolescência e sexualidade: *scripts* sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2013, jan-fev. v. 66, n. 1, p.103-9.

MAIA, Ana Cláudia B.; EIDT, Nadia Mara; TERRA, Bruna M.; MAIA, Gabriela L.. Educação sexual na escola a partir da psicologia Histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 151-156, jan./mar. 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

REIS, Sebastiana L. de A.; BELLINI, Marta. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011.

SILVA, Lígia V.M. da; COELHO, Edméia de A.C. Experiências sexuais de mães adolescentes, vulnerabilidade e dupla proteção. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 25, n. 2, p. 133-144, maio/ago. 2011.

VITALLE, Maria S.S. **Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência**. Rev Paul Pediatr. 2003;21(2):89-94.

VONK, Angélica Cristina R.P.; BONAN, Claudia; SILVA, Kátia S da. Sexualidade, reprodução e saúde: experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 6, p. 1795-1807, 2013.